

Faltam cursos para formação específica

José Geraldo Vantine, 39, possui uma empresa de logística e engenharia industrial. Para ele, a carência de mão-de-obra na área de embalagem é patente, em qualquer uma de suas cinco funções: "A embalagem serve para acondicionar, proteger e ajudar a vender. Além disso, deve ter custo compatível com o produto e um suporte logístico de distribuição".

Vantine lembra que a logística é a ciência do fluxo dos materiais e que todos os produtos se movimentam. Poucos levam em conta a função logística, que age diretamente sobre as especificações da embalagem. Na embalagem propriamente dita, Vantine lamenta a falta de uma escola de engenharia de embalagem. Para ele, o profissional mais preparado para apreender a realidade técnica no setor é o engenheiro de produção (ou engenheiro industrial), capaz de criar e administrar sistemas de produção.

Na opinião de Vantine, o ensino ideal de um curso completo de embalagens deveria ter cinco anos de duração: "Nos três primeiros, o aluno receberia o mesmo currículo de um curso básico de engenharia.

Nos dois anos finais, ele teria que conhecer desenho industrial, materiais, marketing e psicologia social.

Mercado variado

Para quem atua em uma das áreas ligadas à embalagem, o mercado de trabalho é muito variado. Em primeiro lugar, o candidato pode trabalhar para o fabricante de embalagens —que no Brasil possui também a função de orientar a embalagem do cliente. O segundo mercado de trabalho é junto aos produtores de máquinas para embalagens, que também prestam assessoria diretamente ao cliente final.

Em terceiro lugar, o candidato deve pensar nas agências de propaganda e marketing, que costumam prestar serviços de criação e produção ou, também, empresas específicas de engenharia de embalagem, como a de José Vantine. E finalmente, existe um mercado um pouco mais restrito nas grandes empresas de bens de consumo, que possuem seus próprios departamentos de criação e desenvolvimento de embalagens.